

## O MÓBILE E O SENTIDO DA ESCOLA: AS DUAS FACES INESQUECÍVEIS DE UMA PROFESSORA

*É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou. Entregar todos os teus sonhos porque um deles não se realizou, desistir de todos os esforços porque um deles fracassou. É loucura condenar todas as amizades porque uma te traiu, descrer de todo amor porque um deles te foi infiel. É loucura jogar fora todas as chances de ser feliz porque uma tentativa não deu certo. Espero que na tua caminhada não cometas estas loucuras. Lembrando que sempre há uma outra chance, uma outra amizade, um outro amor, uma nova força. Para todo fim, um recomeço. (Antoine de Saint-Exupéry, 2009)*

Recordar o vivido é uma bela oportunidade de refletir nossas práticas. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é, a partir de memórias, rever as duas faces de uma professora, caracterizando as contribuições de Charlot (2000, 2005), Dimenstein e Alves (2003) sobre o móbile e o sentido da escola.

Relatar qualquer história de vida é ressaltar um momento histórico vivido pelo sujeito. Nesse sentido, o texto segue o resgate de dois momentos da minha vida (ora como aluna, ora como professora) relacionados a uma docente. Assim, recordo a antiga 1ª série (1983), quando, como aluna, estudava em uma unidade de ensino privada. Lembro-me de que eu era uma menina de seis anos de idade, muito tímida, magra; usava óculos e não era arrumadinha como as outras meninas daquela escola. Naquele momento, ainda não entendia e nem sentia a importância de uma professora na trajetória de aprendizagem do aluno, já que, naquela sala de aula, não me sentia parte daquele grupo (alunos e professora), porque, como mediadora do conhecimento, a educadora não conseguia me envolver no processo de aprendizagem.

Não gostava de ir à escola. Também não gostava daquela tia/professora e tinha meus reais motivos para sentir tal sentimento. Ao recordar esse sentimento, percebo minha rejeição à escola, colegas e professoras. Dimenstein e Alves (2003, p. 10) relatam:

Fomos empurrando a escola com a barriga, arrastando-nos, tirando más notas, passando vergonha, possuídos pela preguiça. Ah! A suprema felicidade de quando um professor adoecia e não aparecia para a aula! E

a suprema felicidade de feriados e das férias! A felicidade começava quando a escola terminava! Mas o problema é que havia um acordo tácito no julgamento que se fazia sobre nós, julgamento sobre o qual concordavam pais e escolas. Todos estavam de acordo: éramos maus alunos.

Seguindo ainda o pensamento destes autores, penso que também fui arrastando a escola, tirando más notas e passando situações de vergonha. Lembro-me que o ano letivo terminava, e lá estava eu reprovada. Reprovada por não ter aprendido o que a professora não havia ensinado? Isso mesmo! Ela chegava todos os dias, copiava a tarefa no quadro e saía para a porta da sala. Ficava o tempo inteiro conversando com outros funcionários. Quando os colegas a ela se dirigiam, respondia e até demonstrava carinho por eles. No meu caso, todas as tentativas de aproximação ou pedido de ajuda foram negados. Até mesmo no dia em que pedi para ir ao banheiro, quando, friamente, disse: – Não! Insisti no pedido, dizendo: – Professora, não estou aguentando! Ela, mais uma vez, respondeu, friamente: – Se está com vontade, faça aí mesmo! E assim aconteceu, o fim para mim! Se já não havia aproximação comigo, por ser chamada de “Olívia Palito”, e “quatro olho”, acrescia-se o apelido de “mijona”. E, ao final de um ano letivo fracassado para mim e meus pais, a Sr<sup>a</sup>. Professora ainda teve a ousadia de entregar o convite do seu casamento ao meu pai, que me fez voltar à escola, uma semana depois da reprovação, para entregar o presente. Era pequena, mas já sentia, naquela idade, a escola como um lugar de fracasso. Ao mesmo tempo, a angústia, por já entender que teria que ir para outro espaço pela obrigação de estudar.

A continuidade da escolarização e a vida fora do ambiente escolar me fizeram perceber que eu não fui uma má aluna. No entanto era exatamente assim que vivia aquela época escolar. Não tinha vontade de ir à escola e sentia felicidade em qualquer parte do mundo, menos ali. Não havia preguiça, mas ausência de motivação e sentido de estar naquele espaço, no qual me sentia tão distante dos colegas, porque (penso eu) não carregava características de aceitação (ser muita magra e usar óculos já com grau elevado) por parte daquelas crianças, cujos comportamentos no cotidiano escolar eram de rejeição. E qual era o papel da professora nessa situação? Comportamento de indiferença e, às vezes, de rejeição também. Daí a minha história de negação àquela professora que deixava os colegas me apelidarem; como também negação pela sua omissão durante o meu

processo de aprendizagem, de busca do saber, pois ela não chegava junto e nem se envolvia comigo em nada, nem no desenvolvimento nas tarefas, nem na parte afetiva. Para Freire (1996, p. 135), “quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de quem escuta, diga, fale, responda”. Falar ou responder o quê, diante de alguém que não conseguia construir uma relação?

Acompanhando, ainda, o raciocínio de Freire (1996), compreendemos a relevância de uma educação de sentido, em que o espaço escolar represente um ambiente de escuta durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, a distância entre professor e aluno, e a ausência da escuta, como foi nessa fase da minha vida escolar, nos fazem mencionar Charlot (2005, p. 52), ao explicar:

É raro os alunos que não têm sucesso dizerem, quando falam da escola, que é preciso refletir. Na escola, é preciso ouvir. É falando da vida, é não da escola, que eles utilizam o termo refletir. Esses alunos apõem muito frequentemente aprender na escola a aprender a vida/na vida. Aprender na escola é ouvir e repetir. Aprender a vida, o que não é possível senão na vida, é ter experiências e refletir sobre elas ou, então, verificar pela experiência as regras da vida que os pais ou colegas nos ensinam.

Considerando a citação do referido autor, torna-se evidente que, independentemente da idade e série, é de suma importância que o aluno veja sentido de estar na escola. É preciso sentir-se parte do processo, mobilizar-se. Dessa maneira, Charlot (2000, p. 55) esclarece que “mobilizar-se, porém, é também engajar-se em uma atividade originada por móveis, porque existem ‘boas razões’, para fazê-lo”. Trazendo minhas memórias, não recordo, em nada, boas razões para ver sentido naquela escola e com aquela professora. Não me lembro de ter vivido nada que mobilizasse a me engajar no processo no qual me encontrava como aluna. Acredito que, para haver sentido, é necessária a escuta, que, a meu ver, é o ponto-chave para qualquer processo que envolva o saber. Nesse contexto, escutar é mais que ouvir: é dar abertura para que o outro também se manifeste no processo educativo. Algo que não foi construído nessa vivência com a professora, colegas, enfim, com a escola. Para Charlot (2005, p. 55), o próprio aluno deve desejar saber e aprender, para que haja apropriação do saber:

Para que o aluno se aproprie do saber, é preciso que ele tenha ao mesmo tempo o desejo de saber e o desejo de aprender [...] É preciso que haja uma mobilização do próprio sujeito em atividades determinadas, sobre conteúdos determinados [...] A questão que se coloca é: de onde e como vem o desejo de saber, o desejo de tal e tal saber? De onde vem e como se constrói o desejo de aprender, essa mobilização intelectual que exige esforço e sacrifício?

É fato que o desejo faz parte do querer ir, do mover-se para aprender. Porém também é certo que o papel do professor faz toda a diferença, para que o desejo seja elemento construtor de relação com o saber, com o querer aprender. Saber e aprender são processos que devem estar interligados, para que os sujeitos façam sempre a relação com o quem sabem e o que precisam aprender, para, assim, se moverem no mundo consigo mesmo e com os outros, já que “a relação com o saber e com a escola é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma relação social e uma relação subjetiva” (CHARLOT, 2005, p. 54).

No entanto a vida nos surpreende. Fui aprovada para cursar Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e começava o curso aos vinte anos de idade, em 1997. Nesse percurso de graduanda, tive a oportunidade de lecionar em uma escola particular de renome da cidade de João Pessoa. Lá me deparei com uma professora que me encantava pelo modo com que era envolvida e envolvia os alunos no processo de ensino e aprendizagem. Essa prática vivida por ela faz-me recordar Charlot (2000, p. 55): “a criança mobiliza-se, em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor.”

Era assim que observava as crianças que eram alunos dessa professora. Crianças que se mobilizavam em todo o processo vivido e construído naquele espaço de sala de aula. E vivenciar essa prática também me fazia sentir envolvida no processo e me despertava o desejo de me mobilizar e me engajar no que estava vivendo naquela escola. Sentia uma grande alegria de estar naquela escola como professora. Ao contrário de quando era aluna, desejava, todos os dias, que chegasse a hora de estar com os meus alunos e, também, de conversar e aprender com essa professora, que me trazia o sentido de viver a escola. Porém, em um planejamento, acabei descobrindo que a professora que me encantava era a professora da minha 1ª série, cuja toda história vivida por ela relatei aqui. Foi um choque!

Muita emoção e lembranças recordadas nessa descoberta. Ficava pensando: como podia uma mesma professora ter duas faces para o processo de aprendizagem? Minha cabeça não parava de tantas interrogações, porque era a colega professora que me trazia inspiração para sentir os móveis para a prática da minha profissão. Com a abertura de diálogo que havia construído com ela, acabei escutando o desabafo de que aquela minha turma fora sua primeira experiência em sala de aula com o curso pedagógico que tinha feito, mas que o curso superior de Pedagogia e as práticas de salas de aulas fizeram mudar a visão que tinha de sala de aula, bem como a visão sobre o que vinha a ser o processo de ensino e aprendizagem.

Claro que não foi só esse reencontro positivo que me mobilizava no fazer pedagógico. O curso de Pedagogia e outras experiências pedagógicas me faziam, cada vez mais, me encontrar como pedagoga, seja qual função estivesse exercendo no leque que a pedagogia nos oferece.

Em tese, reviver histórias de vidas nos possibilita refletir sobre o quanto já caminhamos, com erros e acertos, e o quanto ainda precisamos seguir, acreditando na incompletude, haja vista que “ensinar exige consciência do inacabamento”. (FREIRE, 1996, p. 55)

## Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIMENSTEIN, Gilberto.; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos.** Campinas, Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 93 páginas.

**Arilu Silva Cavalcante**

Mestre em Educação (PPGE – UFPB, 2012). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos – FIP (2005). Tutora a distância da UFPB Virtual. Orientadora educacional e professora da EJA da Rede Municipal de João Pessoa. Atualmente, exerce o cargo de gestora escolar na Escola Municipal Duarte da Silveira. O texto “O móbile e o sentido da escola: as duas faces inesquecíveis de uma professora” narra um acontecimento da sua vida escolar ocorrida no ano de 1983, tendo o desfecho como docente no ano de 2002.

E-mail: [arilucavalcante@gmail.com](mailto:arilucavalcante@gmail.com)

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016